



MEDIEVALISTA

N.º 39 | Janeiro – Junho 2026

ISSN 1646-740X

**The Art of Renaissance Illumination: António de Holanda,
his Arts and Sciences – Conferência Internacional**

**The Art of Renaissance Illumination: António de Holanda, his Arts
and Sciences – Internacional Conference**

Pedro Flor

Universidade Aberta
Rua Escola Politécnica, 147, 1269-001
Lisboa, Portugal.

IHA NOVA FCSH / IN2PAST
Colégio Almada Negreiros, Campus de Campolide
1099-032 Lisboa, Portugal

pflor@fcs.unl.pt
<https://orcid.org/0000-0002-1530-7465>

Data recepção do artigo / Received for publication: 24 de Novembro de 2025

DOI: <https://doi.org/10.34619/jdus-ifqv>



A conferência internacional *The Art of Renaissance Illumination - António de Holanda his Arts and Sciences* encerrou na Universidade de Évora nos passados dias 8 e 9 de setembro de 2025 o projeto ROADMAP (sob coordenação de Catarina Miguel e Pedro Flor) com um conjunto de resultados que altera o mapa da iluminura quinhentista e o lugar desempenhado por António de Holanda (c. 1480-1557) na cultura portuguesa entre o final da Idade Média e o Renascimento. O programa cruzou história da arte, ciência dos materiais e humanidades digitais, apresentando novas propostas de cronologias das obras de arte do *corpus* holandiano e atribuições, bem como protocolos inovadores de leitura e análise das peças e dos seus suportes, oferecendo à comunidade científica uma metodologia replicável a outros domínios que liga análise técnico material à contextualização histórico artística e a métodos computacionais.

A reavaliação de António de Holanda como figura central na formação de uma linguagem renascentista da iluminura em Portugal ganhou densidade documental e material articulando os dados recolhidos sobre a sua hipotética formação no meio ganto-brugense com o exercício de funções exigentes de oficial de armas. A sua integração na grande empreitada da *Leitura Nova* e o diálogo estabelecido com alguns cartógrafos da Casa da Índia colocam Holanda no coração da cultura visual da monarquia manuelina entre genealogias, armas e mapas, explicando-se em parte a emergência das oficinas de pintura em Lisboa e Évora. As ligações artísticas com os contemporâneos e a colaborações com mestres flamengos como Simon Bening de Bruges (c. 1483-1561) reconfiguraram a tradição medieval de iluminar que tanta adesão recebera no século XV.

No plano estritamente técnico, a equipa apresentou um estudo arqueométrico da *Crónica de El Rei D Afonso Henriques* do Museu Condes de Castro Guimarães que propõe para 1534 uma data afinada com base na leitura da vista e num conjunto de métodos de análise que integra microscopia digital, reflectografia infravermelha, h XRF UV Vis, NIR FORS. Outro avanço de grande alcance é a identificação confirmada de esmalte no manuscrito da Biblioteca Pública de Évora (Ms LC4) com validação por h XRF, ER FTIR, HSI e SEM EDS acompanhada de reconstituição histórica,

ampliando o reportório técnico da iluminura em Portugal nos anos 30 do século XVI. Em paralelo procedeu-se à análise comparativa dos motivos heráldicos atribuídos a Holanda no *Atlas Miller* da Biblioteca Nacional de França, na *Crónica de D João I* da Biblioteca Nacional de Espanha, na *Genealogia do Infante D. Fernando* da British Library e na referida *Crónica de D. Afonso Henriques*, sugerindo-se a existência de padrões processuais e materiais específicos para a pintura heráldica que se distinguem das passagens figurativas e da decoração marginal hipótese trabalhada por diversos meios técnicos e que oferecem critérios objetivos para analisar as obras em contexto de encomenda régia, tentando novas atribuições e leituras deste ciclo de iluminura em Portugal.

A novidade historiográfica não se esgotou na análise histórica e laboratorial da matéria, pois as ferramentas digitais procuraram chegar ao cerne das atribuições: o uso da visão computacional para varrer a iconografia naval em manuscritos atribuídos a Holanda, extraindo metadados sobre tipologias de navios, configurações e contextos e mostrando como a sistematização algorítmica pode revelar padrões formais e simbólicos com impacto na leitura dos programas e das convenções de oficina.

A agenda da história da arte foi também ampliada pela análise do *corpus* holandiano e do seu enquadramento com a leitura de Delmira Custódio sobre o *Livro de Horas dito de D. Manuel* (MNAA) que, embora partilhe modelos flamengos, apresenta variação de linguagem afinada com a realidade artística nacional sugerindo que a presença de Holanda em Portugal e o seu papel como mediador entre tradições permitiram respostas menos padronizadas e mais ajustadas a contextos devocionais e cortesãos locais (com outros pintores?), o que reabre dossiers de autoria e colaboração com outras oficinas e reforça pontes com a Flandres, sem as reduzir a mera transferência de modelos.

Em pano de fundo e com sentido estratégico, a Conferência trouxe ao debate o papel de acervos-chave como os da Biblioteca Nacional de Espanha, cuja coleção de códices iluminados e dezenas de milhares de miniaturas constitui um repositório comparativo de primeira ordem, ainda parcialmente por estudar, exigindo metodologias partilháveis e campanhas analíticas *in situ* que a rede ROADMAP já encetou.

Para terminar, de realçar a presença de nomes tão relevantes para a historiografia da arte do Renascimento europeu como Scot McKendrick, Sylvie Deswarte-Rosa, Lucia Burgio e Henrique Leitão, reatando tradições de estudo que ligam a iluminura ao neoplatonismo e a história da ciência à cosmografia e cartografia, ajudando-nos a enquadrar a *Genealogia do Infante D. Fernando* e o *Atlas Miller* em redes técnicas e simbólicas alargadas, enquanto os casos de estudo de heráldica apresentados por especialistas como Miguel Metelo de Seixas afinaram a leitura dos rótulos e dos protocolos de diferenciação das armas reais ao longo do século XV, o que se afigurou fundamental para entender a política da imagem na corte quinhentista portuguesa.

Em síntese, e olhando para a conferência de Évora, podemos afirmar que a mesma ofereceu três ganhos imediatos: i) cronologias e atribuições mais finas sustentadas por alguns dados de laboratório em articulação com critérios historiográficos; ii) maior conhecimento técnico do processo criativo da iluminura quinhentista em Portugal na primeira metade do século XVI, dando lastro empírico a debates antes conduzidos apenas por intuição e comparação formal; iii) um conjunto de ferramentas que, através de protocolos não invasivos e de dados abertos, bem como reconstituições historicamente fiéis, confirmam António de Holanda como uma voz soberana da iluminura régia e como ponto de mediação entre Flandres e Portugal, entre ciência e arte, entre tradição medieval e inovação renascentista, abrindo espaço para que as próximas abordagens ao tema incorporem estas novidades que serão alvo de publicação em 2026.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

FLOR, Pedro – “The Art of Renaissance Illumination: António de Holanda, his Arts and Sciences – Conferência Internacional”. *Medievalista* 39 (Janeiro – Junho 2026), pp. 395-399. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt> .



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).